

CORPO, SEXUALIDADE E REPRESENTAÇÕES

[Body, sexuality and representations]

Ymiracy N. de S. Polak*

Elis Rejane da Maia**

Simone Aps Lisniowski***

RESUMO: Trata-se de uma reflexão sobre o corpo, sexualidade e representação, com o objetivo de aprofundar a discussão sobre o corpo e a sexualidade na pós-modernidade. A reflexão foi enriquecida com algumas falas de donos de casas noturnas de Curitiba, que ajudaram a compreender o fenômeno em tela.

PALAVRAS CHAVE: Sexualidade; Representação; Corpo.

Vive-se a época do resgate do corpo, que durante muito tempo ficou no ostracismo na história do homem, resgate que se deu juntamente com a liberação da subjetividade, o que só foi possível pela mediação da economia política que, ao liberar o corpo, possibilitou sua emancipação e propiciou, a partir de então, a interligação corpo e sexo, numa relação quiasmática. O engrossamento corpo/sexo torna-se assim um evento para o corpo sujeito, como é o trabalho e os demais valores presentes na existência humana.

Assim, o corpo do discurso da pós-modernidade é aquele que se libertou, mas também é o que nega as trocas simbólicas do corpo sujeitado - surgindo aí a grande interrogação: O corpo do qual se fala não será o inverso daquele que se fala? Essa interrogação nos alerta para a importância de não desconhecermos a maior qualidade do corpo - a ambiguidade, e de estarmos alertas: a sexualidade deve ser compreendida no cenário da ambivalência, numa continuação estrutural do feminino e do masculino, da qual emerge a lógica discursiva da sexualidade, num discurso do sexo como valor de uso e valor de troca.

A sexualidade na atualidade representa o valor de uso, na satisfação das necessidades sexuais; e valor de troca, nos jogos, signos eróticos, expressão da subjetividade, do inconsciente, da ética do prazer sexual. Segundo Baudrillard (1996) a sexualidade torna-se produto da economia do sujeito, quando passa a ter inúmeras finalidades, às quais presta

obediência religiosa. Esta constatação deixa claro que falar do corpo, da sexualidade e das representações implica falar da vida, falar de tudo aquilo que foge ao engessamento do discurso institucional; é dizer o não-dito, o indizível; é encontrar a palavra para a palavra, é lançar mão da linguagem, a fim de encontrar a palavra para a coisa (Olivenstein, 1989).

Falar do corpo, da sexualidade e da representação implica adentrar num terreno conhecido e desconhecido por todos; é discorrer sobre o paradoxo do efêmero e do perene; é delinear o “DESIGNEI” de uma topografia aparentemente desconhecida, cujas fronteiras delimitam o reprimido e o declarado. Falar do corpo, da sexualidade e da representação é falar do prazer, das fantasias, das simulações do imaginário e do cifrado em cada um de nós, cujo significado alterna em cada um, e oscila, segundo Baudrillard (1996), entre o valor do uso e o de troca desde a revolução industrial, quando a produção passa a interferir no mais íntimo de cada um; quando um representa ou se esforça para representar o papel prescrito pelo social, mediante o jogo do disfarce e da simulação, ao realizar aquilo que a ordem do mundo proíbe a cada um, de forma que se sabe que o outro sabe, mas é recomendado que esse conhecimento permaneça no velamento e envolto pela nebulosidade.

Nei Matogrosso retrata bem essa situação em sua canção ao destacar “que é de baixo do pano que a gente faz....”

PASSEMOS AO TEMA

Somos um corpo, corpo palco, se não anatômico pelo menos erógeno, no qual o gozo, numa forma metafórica, seria o destino, o desejo e a manifestação natural. Corpo, metamorfose da vida, lugar de percepções, onde já não existem duas naturezas, uma subordinada à outra. O mundo que percebo é este que fornece o meu esquema corporal, a minha mobilidade, a minha experiência, a corporeidade; esse ser de dois lados, que comporta um lado acessível ao outro e um lado acessível apenas ao titular. O corpo envelopa uma filosofia da carne com visibilidade do invisível (Merleau-Ponty, 1994).

É nesta dualidade do visível e invisível que a sexualidade e as representações se mostram. Elas fazem

* Professora Titular de Enfermagem da UFPR, Doutora em Filosofia da Enfermagem.

** Acadêmica de Enfermagem e bolsista de Iniciação Científica do GEMSA.

*** Acadêmica de Psicologia e bolsista de Iniciação Científica do GEMSA.

parte do imaginário e adquirem forma que se objetiva, deixando o mundo imaginário, o mundo reverso ao olhar. Como ferida exposta, mostra-se por dentro; o olhar ausente do imaginário, como ferida, investiga os corpos com o olhar de dentro.

O olhar do outro e do titular podem descrever o que é visto sob os véus da sedução e da simulação que revestem a sexualidade. São eles que conhecem a metamorfose do vidente e do visível, onde está o segredo da carne. É assim que se captam os "FLASHES do mundo", quando se torna difícil delimitar o mundo das representações e o mundo real.

Para melhor compreendermos a sexualidade e as suas representações, é preciso que reflitamos sobre o modelo de corpo existente. Para Baudrillard (1996) existem três modalidades de corpo, que servem como referência para o sistema social.

O cadáver, que é referência para a medicina; -ele é o limite, o ideal de corpo em sua relação com a medicina; ele reproduz e produz o exercício do saber, sob o signo da preservação da vida. Percepção esta que pode justificar a concepção de corpo passivo, vigente na área da saúde.

Para o sistema religioso o corpo é o ossuário ressuscitado após a morte e tem como referência o corpo animal.

O sistema econômico tem como ideal e padrão de corpo o corpo-máquina, instrumento, a força de trabalho, tendo como referência o manequim.

Cada sistema revela assim a sua representação do corpo - a saúde, a ressurreição e a produtividade social. As três modalidades de corpo se fazem presentes na saúde, tendo a sexualidade tatuada em cada um, ora de forma liberada, ora de forma reprimida.

O corpo passivo, objeto, alienado, alvo de prescrições, representa tanto o corpo enfermo quanto o corpo cuidado. É o corpo alvo de interdições e das prescrições institucionais, onde o "não dito" das emoções é a força motriz.

No que concerne ao sistema religioso, que tem como referência o ossuário, o qual um dia se reunirá à carne, para ascender aos céus, e tem como representante o corpo reprimido, supliciado, tendo os seus instintos disciplinados, moldados em vista do prazer espiritual.

O corpo instrumento, máquina, força de trabalho no qual o valor de uso é maior que o de troca e no qual se confunde significado e significante, é o corpo polarizado, produtor e produto, consumidor e consumido.

O corpo metamorfoseado é o palco da sexualidade, o corpo manequim, o corpo narcísico, foco do autodesejo e do desejo do outro.

Assim a sexualidade se autonomiza, assume forma estrutural mediante produtos pela mídia, que caracteriza o modelo sexual e delinea uma economia política do corpo;

assim a sexualidade, enquanto função, promove a sexualidade como discurso, no qual o sujeito pensa e se localiza sexualmente, mantendo o equilíbrio e a coerência em torno da identidade do eu e da coerência do signo, numa reprodução indefinida de códigos.

A sexualidade passa a ser percebida como conscientemente ordenada, considerada por alguns como aceitável, para outros como inconveniente, ou conveniente para um contexto delimitado no tempo e espaço de um ritual, em que tudo é permitido, por exemplo, no carnaval, nos bailes noturnos, na alcova. É o não dito que reside no imaginário, tendo várias finalidades, e também várias formas, segundo as quais a sexualidade pode ser abordada. Em virtude disto, abordaremos em nossa fala a sexualidade expressa nos classificados de jornais, apresentada na rua, nas praias, nos clubes noturnos e no cotidiano do homem comum.

Na cidade de Curitiba a Revista Litoral destaca que os *nighthclubs*, casas noturnas ou até mesmo os *single bares*, qualquer que seja o nome, abrem geralmente às 19 horas, funcionando para *happy hours*. Daí por diante, é possível ver o movimento de carros chegando a essas casas. Uma parte delas não cobra nenhum ingresso, apenas a chamada consumo mínima.

Mais discretas que os *nighthclubs*, as saunas também têm um público cativo, que procura, além da diversão, do papo, outra forma de relaxamento. E, é claro, o cliente pode obter algo mais "com as meninas", ou mesmo com os "meninos", caso esteja frequentando uma sauna gay (existem três em Curitiba). Enquanto nas casas noturnas as garotas estão bem vestidas e maquiladas, como se estivessem indo a uma festa, nas saunas elas ficam bem mais à vontade, de biquini ou maio, esperando o cliente para uma massagem relaxante.

Os massagistas são profissionais, mas estão abertos para um programa mais íntimo em uma das quatro salas escuras. "A gente faz tudo o que o cliente quer, desde uma massagem até sexo. Podemos ser o ativo ou passivo".

Algumas, cintas, tapa-olhos, vibradores, loções afrodisíacas, filmes pornográficos, *lingeries*, acessórios para estimulação do sexo anal, entre muitas outras coisas; estes são apenas alguns dos itens que podem ser encontrados nos *sex-shops*. Para se ter prazer no sexo, vale tudo? Para muita gente, a resposta a esta pergunta é não; entretanto, para outra parcela da população, a busca de novidades, de novos prazeres na relação sexual, é agradável e saudável rotina.

De acordo com o proprietário de uma das maiores lojas de conveniências eróticas de Curitiba, o da Ponto G, o curitibano tem mostrado interesse muito grande pelas novidades da loja, que completou um ano em novembro de 97. "As mulheres de Curitiba são bem mais desprendidas.

Entram, sabem o que querem e o que procuram. Já os homens são mais tímidos", salienta o proprietário. Hoje seu público é, em sua grande maioria (75%), de mulheres.

Mas o que é possível encontrar nesta loja? Simplesmente tudo: produtos, informação, entretenimento e fantasia que permita aumentar e melhorar a vida sexual dos parceiros. Não há preconceito. A loja oferece produtos para heterossexuais e GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). A algema é um dos itens mais procurados. "Saem pelo menos 50 por semana", afirma o proprietário. Mas também é possível encontrar vibradores (em vários tamanhos, modelos, cores, formas e espessuras), pênis gigante (literalmente), vaginas realísticas, aparelhos que fazem o pênis crescer, dilatadores anais, entre muitos outros produtos, como o *oral Simulator*, para fazer sexo oral.

Os anúncios estão todos os dias nos jornais. Assim como se vende um carro ou se oferece um emprego, agências de acompanhantes e casas de encontros prometem, nas páginas de classificados, realizar as fantasias de seus clientes; mas na hora de falar sobre seu negócio poucos reagem normalmente. Apesar de frequente publicidade, parece que a maioria ainda acha seu MÉTIER um tanto comprometedor. Entre recusas, desculpas e até batidas de telefone, alguns profissionais do ramo aceitaram desvendar o que existe por trás das casas que despertam a curiosidade dos "conservadores" curitibanos.

A agência de acompanhantes A. M. se compromete a achar um par que se encaixe no perfil e nas preferências sexuais do cliente. São 30 profissionais, entre homens e mulheres e casais. "As mulheres trabalham para pagar a faculdade; e os homens, o colégio, a cachaça e as drogas", diz o dono da agência, S., de 20 anos. O perfil dos funcionários é fácil de ser traçado: jovens de classe média ou baixa que precisam, por algum motivo, de dinheiro. O salário deles pode variar de R\$ 1,5 mil a R\$ 15 mil (no caso das "famosas"). "Já tive homens de classe alta que trabalhavam, mas isso não é muito comum." E os clientes, quem são eles?

Os homens que procuram mulheres - a maior clientela da agência - são sempre casados e de faixa etária variada. "Eles querem ter relação com outras mulheres, mas precisam ser discretos", diz Soares. "As garotas de programa fazem o que as mulheres casadas normalmente não concordam em fazer."

Depois de investir tanto nos homens, o mercado de acompanhante volta-se também para outro alvo: os casais. Em Curitiba, já existe uma casa exclusiva para encontro de pessoas casadas ou que moram juntas. No Clube DC, só entra quem estiver verdadeiramente comprometido. A noite começa no bar e na pista de dança, como em qualquer outra boate. Depois, vêm os shows de strip-tease e as

brincadeiras promovidas para aproximar os casais. Em sua maioria, os homens têm de 30 a 40 anos, e as mulheres 35. "As pessoas casadas vêm aqui para conversar ou até ter relações com outros casais", diz o gerente da casa, de 33 anos. "Temos apenas salas para 'amassos'. Se eles quiserem sexo, têm de ir um motel."

As mulheres ainda são as que menos procuram parceiros em agências ou casas de encontros, mas um SHOW DE STRIP-TEASE não faz mal a ninguém, e talvez não comprometa tanto. O Clube para Mulheres, por exemplo, recebe uma média de 80 pessoas por quinta-feira (dia em que ocorrem os shows). Elas têm entre 18 e 50 anos; "mas a maioria está na faixa de 20 a 30 anos e vêm para conhecer homens bonitos ou por causa de aniversários e despedidas de solteira", diz o dono da casa, que preferiu não se identificar. Seis rapazes fazem o show, incorporando personagens como Don Juan, samurai, guerrilheiro, caubói, xeque, médico e policial, entre outros. "As fantasias variam cada semana, mas se não tiver o Don Juan, por exemplo, não há show, diz o proprietário.

Clube para Mulheres é uma casa de shows, e não de programa. "O objetivo é oferecer lazer ao público feminino", diz; mas, depois que o espetáculo acaba, os homens não são mais funcionários, e sim pessoas normais que podem sair com quem quiserem. "Às vezes, nem saem por dinheiro, mas porque gostaram da pessoa. Já vi muitos deles recusando grana alta por não terem gostado da mulher."

Saídos dos mais pervertidos clubes ou *nighthclubs* europeus, os fetiches invadiram o mundo e conquistaram espaço nas rotinas mais convencionais. Hoje, um salto excessivamente alto, um *corset* de rendas, uma maquilagem carregada, adereços de couro e renda, transparências ou longas botas de zíper não despertam olhares curiosos nem causam surpresas em ninguém.

Se as tatuagens e *body-piercings* já estão presentes até mesmo nas ensolaradas praias brasileiras, e não provocam nenhuma espécie de polémica, qual foi o caminho percorrido para que os fetiches chegassem até aqui? As melhores respostas estão no livro "Fetiche, Moda, Sexo e Poder", escrito pela historiadora cultural, especializada em moda, Valerie Steele.

Nele, a autora conta a história do fetichismo como patologia sexual, em que o fetichista valoriza, mais do que o ato em si, o culto a objetos e peças relativas à figura feminina. Folheando as páginas do dicionário Aurélio, não é difícil perceber que a escritora está certa: segundo o dicionário, "fetichismo é perversão que consiste em amar não a pessoa, mas a uma parte dela ou um objeto de seu uso."

Que acontece quando "pervertidos" e "normais" começam a se vestir do mesmo jeito? Segundo a escritora,

muitos dos mais importantes estilistas de moda do planeta são responsáveis por isso, já que foram inspirados pela perversidade sexual. Os famosos sutiãs pontudos, criados por Jean-Paul Gaultier, ou as peças sadomasoquistas, assinadas por Vivienne Westwood, acostumaram o mundo aos fetiches, permitidos à luz do sol.

“Nos últimos trinta anos, o uso de certos temas fetichistas tem sido cada vez mais incorporados à moda”, afirma a autora. Ela explica que o movimento de liberação sexual dos anos 60 e 70 levou a uma reavaliação dos desvios sexuais e que o “recato” foi cada vez mais descartado. Dizia-se que o “tabu do corpo” se estava esmigalhando sob a reafirmação da sexualidade humana e da negação da culpa sexual, o que fez com que a sexualidade “perversa” fosse reconhecida como sedutora.

Assim, o poder feminino está na sedução. O feminino torna-se não mais o que se opõe ao masculino, porém o que seduz. A soberania da sedução pode ser dita feminina por convenção, a mesma convenção que defende ser a sexualidade masculina. Essa forma desenha o feminino como o que nunca se produz e nunca está onde é produzido; isto se baseia numa perspectiva transexual e não bissexual da sedução.

As mulheres negam essa condição, por acharem a sedução como encenação artificial e prostituição (Bandrillard, 1998). A sedução é bem caracterizada pela nudez secundária, pois o corpo nunca se despe; isto só ocorre no imaginário, no mundo da representação. Existe sempre a “segunda pele”, o “quase nua”, mas sem estar como se estivesse. O uso do *collant*, que desnuda mais que o corpo natural, mostrando uma nudez segunda que excita, fustiga, seduz e atrai e, por isso mesmo, é inteligentemente explorada pela mídia, por estilistas, porque mostra mais que a pele ao natural. Ressalta-se que a pele também não é a aquilo que vemos; a pele desnuda é área erógena, sensual ao contato e ao cheiro.

Pele permeada e oficial, na qual se justapõe a segunda pele, pele porosa, sem exsudatos, pele nem quente, nem fria, aveludada, pele sem espessura própria, lisa, fresca, flexível; é a segunda pele, a pele dos *collants* e dos tecidos esvoaçantes.

O corpo da *stripper* representa bem essa segunda pele que, apesar de nua, tem mais vestimenta do que quando paramentada: as maquilagens transformam a pele da *stripper* em algo acetinado, brilhante, macio, corpo alvo do desejo.

A *stripper* com a lentidão de seus gestos (o ato de despir-se, as carícias e a simulação do prazer) mostra que existe o outro que a cerca; o outro assumido por ela, pois os seus gestos criam em torno de si o fantasma de seu parceiro sexual. É nesse processo de condensação de

imagens, nesse processo de convocação e revogação do outro que se fundamenta o segredo erótico do *strip*.

Os gestos executados pela *stripper*, gestos lentos, masturbação sublime, representado pelo toque, pelas carícias da *stripper*, representam os gestos do outro. A lentidão dos gestos a transforma em sacerdotisa, cada peça que cai não desnuda o sexo, ainda que seja esta a compreensão *voyeurista*. Ao cair a roupa, ela desnuda outra, cria símbolos dos quais emerge, segundo Baudrillard (1996), a efígie fálica ao ritmo do *strip*.

Esse corpo sedutor, narcísico, corpo manequim, é o corpo fetiche, o corpo boneca, vestido e despidão continuamente no qual a mulher se torna fetiche e fetiche para o outro.

O corpo da *stripper* é um corpo que só ama a si próprio; basta a si mesmo, lhe agrada e agrada ao outro que o ama, exercendo sobre este outro grande fascínio, em virtude de sua beleza e das interessantes constelações psicológicas.

O corpo narcísico investe em si mesmo, pois isso lhe é prescrito pelo social; por isso segue uma disciplina e uma ética que acompanha a ordem económica, norteada pelo valor, por um comportamento dirigido, em virtude de um ideal de beleza e de troca simbólica.

REFLEXÕES FINAIS

Considerando a inevitável relação corpo e sexo, percebe-se que é impossível dissociar as questões referentes ao corpo e à sexualidade da ordem cultural, política e económica, que normatiza e disciplina comportamentos, reiterando a imagem do corpo como valor de troca e valor de uso, significado e significante.

É importante repensar e rever a sedução, o seu lugar de destaque no corpo feminino, o corpo como símbolo de desejo.

A sexualidade é um ritual inelutável do desejo, pois a partir de então já não se diz, conforme Baudrillard (1991):

*“Tens uma alma e é preciso salvá-la”, mas sim;
“Tens um sexo e deves encontrar seu bom uso”;
“Tens um inconsciente e é preciso que se fale”;
“Tens um corpo e é preciso usufruí-lo”;
“Tens uma libido e é preciso gastá-la”.*

Indo mais além, considerando que o corpo é masculino/feminino, encerro minha fala com o poema: “Nem um, nem outro”

*Nasci João; morri Maria;
confundi a todos, menos ao meu coração.
Nasci Maria e morri João;
fui feliz com minha opção.
nasci Maria, morri Maria;
senti a doce sensação de ser mulher.*

*Nasci João, morri João;
curti, segundo a segundo, a minha situação.
não sou Maria, nem João;
busco encontrar-me, definir a minha condição;
mas é preciso ser um ou outro?
Isto não é questão de poder?
O que importa é minha função,
pois somos parte do mesmo lado;
às vezes um pouco Maria, às vezes um pouco João.
O que sou é fruto
das minhas sensações e percepções,
das minhas ações e das minhas determinações.*

Polak, 1997

ABSTRACT: It is a reflection on the body, sexuality and representation, with the objective of deepening the discussion on the body and sexuality in the postmodernism. The reflection was enriched by some speeches of night club owners in Curitiba, which helped understand the portrayed phenomenon.

KEY WORDS: Sexuality; Representation; Body

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAUDRILLARD, Jean. **A sedução**. Lisboa: Edições 70, Arte & Comunicação
2. BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. Lisboa: Edições 70, Arte & Comunicação, 1996.
3. CAMANDUCAIA, Anna. Agências prometem realizar fantasias de clientes. **Revista Semana no Litoral**, Paraná: Oficina de Letras Editora, 8(5); 10-11, 1998.
4. MATTOS, Simone. Perversão à luz do sol. **Revista Semana no Litoral**, Paraná: Oficina de Letras Editora, 8(5); 12-13, 1998.
5. MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.
6. OLIVESTEIN, Claude. **O não dito das emoções**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1989.
7. PIMENTEL, Felipe. O prazer nas páginas de classificados. **Revista Semana no Litoral**, Paraná: Oficina de Letras Editora, 8(5); 8-9, 1998.
8. POLAK, Ymiracy N. de S. **A corporeidade como resgate do humano na enfermagem**. Pelotas: UFPEL, 1997.